754

LÚCIO VILMAR



CHOPIN

GENIO DA MÚSICA

3

INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA-NARODOWY BIBLIOTEKA
754
sygn. 754
akc. ...../53.

LÚCIO VILMAR

C H O P I N

GÊNIO DA MÚSICA

Monografia apresentada ao "Concurso Literário Chopin", comemorativo do Centenário da morte de Chopin, organisado pela Sociedade Musical de Ribeirão Preto.

Zbiory Słowarzyszenia
754

1949

RIBEIRÃO PRETO

Zbiory Słowa I.F.C. Duszniki
754

C H O P I N

GÊNIO DA MÚSICA

Zbiory Słowa I.F.C. Duszniki

H O M E N A G E M A C H O P I N

Tua pálida mão, cheia de alma
sonha sobre a brancura do teclado,
como um lírio de sons que a lua ensalma
de um mistério suavíssimo e sagrado

Uma virgem de luto, olhos em calma,
postas as mãos de luz reza ao teu lado,
e o teu gesto alvoral, como uma palma,
unge-te o vulto, místico, encantado...

Os acordes, tombando mansamente,
tecem têias de brumas e de agonia
dentro do coraçao de quem o sente.

E, sob a tua mão, triste, soturno,
o piano vai gemendo, ao fim do dia,
toda a humana amargura de um Noturno !

ALCEU WAMOSI

"Chopin continua a ser o mais
audacioso, o mais notavel gênio
poético do seu tempo ! "

SCHUMANN

A M Ú S I C A

Das artes, a mais pura, a mais expressiva e harmoniosa, que nos eleva até o verdadeiro extase da Beleza é, sem dúvida—a Música. Porque só ela realiza o milagre de traduzir todas as manifestações da sensibilidade humana, consubstanciando-as em sinfonias esplêndidas, vibrando na alegria sonora dos scherzo ou soluçando no lento e grave andamento dos adagio.

Arte divina, arte suprema, creadora de imagens acessiveis a todas as percepções, linguagem exotérica compreendida por todas as inteligências, desde a mais rudimentar até a mais provecta e brilhante, exteriorisando na escala cromática dos sons os sentimentos indefiniveis que desabrocham nas profundidades insondaveis da alma humana, a Música é a voz poderosa de tudo o que a Natureza emudeceu - a voz das estrelas distantes e das pedras imoveis, das flores e das luzes, das cores, da própria terra-mater em seus estos fecundos.

Assim como dos sentimentos humanos, o Amor é a fonte de todos os outros sentimentos secundários, desde o ódio que amesquinha até o perdão que divinisa, a Música é a súmula de todas as artes inspiradas no Amor, fundida no cadinho da alma humana, vibrando atravez de suas meigas sentimentalidades toda a gama de emoções, desde a jura de amor abafada num beijo, até o soluço reprimido de uma saudade indizivel, lembrando despedidas pungentes no

prelúdio elegíaco duma tarde cheia de palpitações de azas fugi - dias e lenços brancos a acenar adeuses !

Sublime taumaturga da Beleza, ela pode exprimir tanto a dor como a alegria, a fé e a descrença, o amor e o ódio — todos os tons intermédios que marcam a transição entre a sombra e a luz —em gradações infinitas, nos choques bruscos, subitânios, do bequadro.

Na expansão da dor glorificada pela arte - revela a essência divina da alma humana, e é a ponte que liga o homem a Deus !

A lenda delicada de Orfeu, amansando as féras ao som de sua lira, é um símbolo do poder emocional da Música, que chega a enternecer as almas mais bravias.

A Música é a arte que paréce " o sonho de uma alma incorpórea ", ou como queria Taine, " o sono de uma alma do paraiso " e realiza aquele conceito profundo de Eça quando a considerou " uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados" e de que Beethoven disse ser " a revelação mais elevada que a Filosofia ". Concretizando as aspirações tumultuárias que inquietam o espirito dos homens, é a consubstanciação imponderavel de todos os sonhos que agitam a sua psyché, de todos os desejos que palpitam em seu coração - a Euritmia de todas as vibrações da Vida !

E, atravez das sonoridades harmoniosas dos sustenidos e da doce surdina dos bemoes, emanam do pentagrama modulações celestiais em que perpassa toda a eternidade da angústia humana, as torturas íntimas, os anseios místicos ou sensuais, as aspirações irrealizaveis, em apoteose de sons, que vai desde a terna melancolia de Schubert, passando pela intensidade emocional de Beethoven até às melodias dulcíssimas de Chopin !

NASCE UM GÊNIO

Chopin ! Um nome que é um símbolo de Beleza e que traduz nas suas seis letras todo um mundo encantado de musicalidade e que faz vibrar, no coração, as cordas mais íntimas, as emoções mais doces.

Quando, na madrugada de 1849, aquele moço pálido e triste, murmura mansamente para Gutman (1): "meu amigo" e cerra os olhos para sempre, não era apenas o artista que morria - naquele momento nascia um gênio !

Porque somente depois de morto é que o mundo reconheceu e glorificou verdadeiramente a genialidade de Chopin. Antes disso, apenas uns poucos espíritos de eleição é que viram naquele rapaz doentio, de sensibilidade extrema, um gênio da música. Ele mesmo , Frederic, sabia perfeitamente o papel que estava representando na história da música quando, respondendo a Elsner, que o censurara porque ele se aproximára de Kalkbrenner afim de aprimorar a sua técnica, que ainda se ressentia de alguns defeitos, diz: "O que é evidente para mim é que não serei jamais uma cópia de Kalkbrenner; ele não poderá romper minha ardente vontade, talvez mais nobre, de fundar uma época de arte".

Vê-se aí, nestas poucas linhas, a firmeza de um espírito que sabe do que é capaz. De resto, toda a história de sua vida não é mais do que uma afirmação constante da sua própria genialidade .

Desde aquela tarde suavíssima e melancólica de 22 de Fevereiro de 1810, quando, na humilde cidadezinha de Zelazowa Wola,

(1) - Gutman, um dos principais discipulos de Chopin e depositário de seu estilo.

nas vizinhanças de Varsóvia, abriu os olhos para a vida Frederic François Chopin, o mundo contava com mais um gênio da música. A sua própria terra é o ambiente propício para acalentar os seus pendores artísticos. Polônia, a santa Polônia, mártir de tantas ambições políticas, vítima de tantos apetites sangrentos, ali, naquele recanto tranquilo, deu-lhe o clima propício para alimentar sua sensibilidade refinada de Filho dos Deuses. Alí seu espirito não é detido por nenhuma barreira e alça-se livremente atravez de regiões infinitas : nada o altera, os rochedos são melancólicos, o céu não é muito brilhante nem o sol muito ardente: nao tem a natureza emoções muito fortes e restringe-se à sua própria natureza. Tambem a sua alma volve para outro lado e interroga os mistérios da Vida. Dai essa franqueza da sua arte, daí tambem essa tendência contínua para o Belo e essa ascenção apaixonada para o Ideal.

A força da sua arte repousará, então, na sua simplicidade, na sua emoção verdadeira e no seu fim sempre elevado.

Foi assim que se criou Chopin. Desde cedo era manifesta a sua predileção para a música.

Aos sete anos principia a estudar com Adalberto Zwyny e já aos oito anos toca o seu primeiro concerto. Dai para diante o jovem musicista é reclamado por todos os salões da aristocrácia poloneza. Aos dez anos começa a compor. Sua primeira peça é uma "Marcha" dedicada ao Grão-Duque Constantino, e editada sem o nome do autor.

Tinha Chopin apenas quatorze anos quando ingressou no Liceu de Varsóvia para estudar harmonia com Joseph Elsner, grande violinista e compôsitor que, logo, vê naquele jovem pálido e sonhador um grande artista do futuro.

Era apenas o princípio da trajetória resplandecente da sua carreira artística, cujo brilho cada vez mais se intensifica. Seus primeiros poemas musicais trazem já a chancela do gênio, deixando vasado neles a limpidês, a transparência e a excelcitude dos ideais juvenis. Seu estilo tem a força emocional de um mestre e seus temas são sempre graciosos, delicados, impregnados de doce tristeza, uma recordação vaga de regiões distantes, de horizontes longinquos, dir-se-iam "Saudade do Paraizo !

Com dezoito anos já compuzera o seu "Rondó", uma "Sonáta", as variações sobre o tema "La ci darem la mano", da opera "Don Juan", de Mozart, e a "Polonaise" em si bemol.

Por essa época Chopin já era famoso em sua pátria e só então é que ele vai cumprir verdadeiramente o seu destino de gênio da música. E' ele mesmo quem o afirma, quando, após ouvir a "Festa de Santa Cecília", de Haendel, diz ser essa peça a " que se aproxima do ideal da música elevada, tal como o sinto dentro de mim ".

INSTITUTO DE MUSICOLOGIA SEUCOMTVA

A NOTA AZUL

Para Chopin a música é uma "impressão" e nunca uma "imitação", Como nenhum outro ele "improvisa" servindo-se dos motivos mais triviais, mais insignificantes: o vôo de um inseto, uma réstea de luz projetando-se pela janela, o miado de um gato e até o simples perpassar do vento agitando as cortinas... Mas não é só: nesta constituição privilegiada de artista, qualquer pequenino "nada" é motivo para inibir a sua inspiração.

Conta-se algures que certa noite Chopin prometera "improvisar" para alguns amigos. Faz-se um silêncio profundo. O músico maravilhoso senta-se ao piano. Permanece largo tempo com as mãos sobre o teclado, em atitude estática. Que espera Chopin ?

Chopin procura a deliciosa, a mística, a misteriosa "nota azul"...

Mas, ela não quer vir ao encontro de Chopin. Por quê ?

Enquanto os ouvintes fazem conjeturas, alguem observa mais atentamente o mestre.

Ele está olhando fixamente uma linda mulher, que traz uma pluma colocada na cabeça.

- Porque não começa, meu amigo ? - indaga o mais atento do grupo.

E Chopin responde, numa voz de surdina, mas com um acento peremptório:

- Diga àquela senhora que me faça o favor de retirar a pluma da cabeça, pois do contrário não conseguirei dar um acórde.

..

Era assim aquela constituição robusta de artista, porém cheia de contradições, plena de atitudes negativas, de tal forma

que apenas através das confidências que transparecem em seus poemas musicais é que podemos sentir toda a magnitude daquele gênio slavo, ou melhor, daquele gênio universal - porque a pátria dos gênios é o Universo !

Porêm, por mais prodigiosa que fosse a sua execução é sobretudo pela inspiração que sua inddvidualidade se afirma. Que fantazia e que graça nas mil improvisações que produz com facilidade espantosa. Delicadeza e força, eis as suas qualidades principais. Os motivos desenrolam-se como que através dos melancólicos vapores duma noite do norte. As notas se espalham, vertiginosas como cascatas e no encantamento em que nos envolve fazem passar despercebidas todas as dificuldades da técnica de execução. En - quanto seus dedos mágicos dansam sobre o teclado de marfim, a melodia nos transporta às regiões nebulosas do norte e o coração faz eco a essas vozes profundas que lhe falam tão intimamente de amor e de esperança, recordando a pátria distante, quem sabe ?

O que impressiona sobretudo nas composições de Chopin é o acento natal, é esta espécie de nostalgia que parece produzirem certas naturezas vibrantes o sopro da musa do norte. Esta caracteristica inconfundivel encontra-se, mais acentuadamente em suas mazurcas, em seus noturnos e baladas. Ouvindo "Berceuse", parece ouvir-se o sopro das brisas a embalar os pinheiros gementes.

A par de seu talento, que poderiamos classificar de pitoresco, que grandiosidade, que profundesa de inspiração ! Ouça - mos seu "Concerto", cujo encanto nos arrebata; a introdução do "Bolero", que não se ouve sem sentir lágrimas nos olhos; o tema de sua primeira "Sonata" é uma verdadeira prece, um extase; atente - mos para a segunda "Valsa", que chamaremos valsa melancólica ou então ouçamos atentamente o introito da primeira variação da sua fantasia sobre "Don Juan". Ha ali uma variante em ré bemol do "La ci darem la mano", uma parafrase que gela o sangue de terror. E' preciso ouvir-se estas peças como quem reza, místicamente, reli - giosamente... Todas as qualidades que constituem a originalidade creadora se encontram à porfia em Chopin. E que se não pense que em suas obras não ha sinão motivos nebulosos, melodias aéreas, graça sonhadora. Sua inspiração é capaz de encontrar tambem expres - sões cheias de força, de potência e de brilho. Convencemo-nos disso ouvindo seu "Concerto" em si maior, brilhante e triunfal como

uma fanfarra heróica, sua "Tarantella" saltitante, suas "Polonaises" tão sugestivas que quasi se acredita ouvir o ruido das armaduras e o retinido das espadas.

Dos "improvisos" ligeiros da "nota azul" até à grandiosidade das "Polonaises", quantas maravilhas musicais não brotou da mente poderosa desse grande artista !

E M P A R I S

Sòmente no outono de 1831, o poeta dos "Noturnos" realiza o seu sonho: Paris ! Paris — a cidade-luz ! — capital de todas as artes, de todas as culturas, asilo da inteligência universal. E' ali que ele vai conhecer a verdadeira glória, a glória merecida pelo seu talento incomparavel.

O jovem artista, com a sua aparência dêlicada de filho do Norte, com sua finura de maneiras e, sobretudo, pela novidade de suas composições e sua execução admiravel, produz viva sensação nos meios artísticos. E, em 1832, ele aparece em público pela primeira vez na grande capital, no famoso Salão Pleyel, numa reunião de artistas dos mais célebres.

Esse auditório seleto lhe assinala, desde entao o lugar proeminente e inteiramente à parte que ele devia ocupar até o final de seus dias. Seus compatriotas, os poloneses residentes em Pariz, não negaram o calor de seu apoio ao invulgar artista e, nos primeiros anos de sua residência na França, Chopin viveu quasi exclusivamente rodeado pelo mundo brilhante que frequentava os saloes dos principes Czartowysky, Ostrowski e da condessa Delphine Potoka.

Somente nessa atmosfera aristocrática se sentia bem aquela alma requintada de artista, onde era apreciada a finura e a graça nervosa de suas poesias musicais, pois às ovações estrondosas do teatro ou das salas de concertos, aos gritos entusiásticos dum público barulhento, ele preferia o aplauso discreto e a simpatia intelectual do Salão. Assim se explica a relutância do Chopin em se fazer ouvir pelo público. Isto, porem, nao impediu que ele obtivesse magníficos sucessos com seus concertos, como naquele que realisou em 26 de Abril de 1835, na Sociedade de Concertos do Conservatório, em beneficio de Habeneck, seu regente, quando lançou uma das "Polonaises" para piano com vivos aplausos.

OS GÊNIOS DA MÚSICA

E' comum afirmar-se que sòmente a doença ou uma tara mórbida qualquer são responsaveis pelo aparecimento dos gênios,mas não é verdade. A História e a Ciência afirmam o contrário. Sem dúvida, há homens superiores, doentes, fracos, disformes. E' uma prova de que a deformidade física não exclue o gênio, mas não que ele a acompanhe necessariamente.

Goethe foi um ser privilegiado. Mente poderosa e corpo são. Física e psiquicamente perfeito e, entanto - um gênio. Chopin tambem foi um gênio, apesar da doença terrivel que o minava. Contrariando a afirmação de Bell, de que "as produções do espirito humano como as da natureza viva, não se explicam senão pelo meio em que medram", pode-se dizer que Chopin teve na sua moléstia não uma razão para se tornar um grande artista, pelo contrário, o mal impediu que ele produzisse tudo que seria capaz si gosasse saúde perfeita.A moléstia deu apenas à sua música aquele toque melancólico, aquela doce tristeza poética que são as características inimitaveis da sua música e que mais se acentuam nos "Prelúdios".

Mozart, tambem gênio da música, só lhe é superior porque gosava saude e, portanto, desfrutava a plenitude da vida ! Chopin, porém, sentia sua força e conhecia sua fraqueza. E se não podia,como Mozart (de resto só Mozart o pôde fazer), criar uma obra prima com uma só côr, criava sua música repleta de nuances variadas e imprevistas. Sòmente George Sand, a grande escritora tão incompreendida e tão combatida na sua época, poderia nos dar um julgamento verdadeiro e completo sobre o grande compositor: " O gênio de Chopin é o mais profundo e o mais pleno de sentimentos e de emoções que ja

mais existiu". E mais: "Ele conseguiu fazer um único instrumento falar a linguagem do infinito; muitas vezes pôde reunir em apenas dez linhas, que uma criança poderia executar, poemas duma elevação imensa, dramas duma energia sem igual"... "Dia virá em que sua música será orquestrada sem nada mudar na parte de piano e em que o mundo inteiro ficará sabendo que esse gênio tão grande, tão completo, tão sábio quanto os maiores mestres por ele assimilados, conservou uma personalidade ainda mais rara que a de Sebastian Bach, ainda mais forte que a de Beethoven, ainda mais dramática que a de Weber. Chopin encarna, ao mesmo tempo, esses três mestres, e continua a ser ele mesmo, ou seja, mais livre no gosto, mais austero na grandiosidade, mais pungente na dor."

A M O R E G Ê N I O

Geralmente os grandes gênios são solitários. E Chopin não escapa a esta regra. Embora aparentemente apreciasse a vida mundana e na sua intimidade não suportasse estar só, seu grande espírito pairava solitário entre os cumes enormes das suas aspirações. A própria George Sand, mulher arrebatada e impulsiva, com uma capacidade de ternura e compreensão invulgares, nunca o compreendeu inteiramente. E depois de o amar "maternalmente" pode-se dizer, por mais de oito anos, escravisando-se aos seus caprichos e aos caprichos de sua doença, não resistiu e, esgotada a sua capacidade de dedicação, deixou-o, ainda que com lágrimas nos olhos, como ela mesma escreveu em suas memórias.

E' que o amor, para o poeta suavíssimo dos "Noturnos" não era mais que um acessório da sua arte. E na sua vida vemos perpassar, como sombras aladas, desde a figurinha angélica da sua primeira namorada, a ingenua Marie Wodzinski, sua companheira de infância; a adolescência graciosa de Constança Gladtowska, linda soprano, aluna do Conservatório; a elegância discreta de Mlle. Blahetka; a finura aristocrática da Princesa Potoka, até a irresistivel George Sand.

Seu romance com a autora de "Lelia" durou o quanto duraria a capacidade de amor e renúncia da grande escritora. Extinta a paixão inicial, de arroubos sensuais, restou a grande ternura maternal que caracterizou a maior parte da sua ligação, conforme ela mesma escreve: "...sei bem que me acusam, uns de o ter esgotado pela violência dos meus sentidos, outros de o ter desesperado pelos meus destemperos... Tenho feito prodígios de

paciência de que não pensei fosse capaz. Cheguei ao martírio!... Mas o céu é inexoravel para mim, como se eu tivesse grandes crimes a expiar; porque no meio de todos esses grandes sacrifícios, aquele que amo com amor absolutamente casto e maternal se sente vítima da ligação insensata que me dispensa".

E, no seu "Lucrezia Floriani", onde ela retratára Chopin no seu principal personagem: o principe Karol - escrevia : "... eu amá-lo-ei cobrindo com um longo e poderoso beijo a fronte pálida do jovem príncipe: mas será um amor como o de sua mãe"

Assim são os grandes gênios. Pairam tão alto que o amor - o eterno sentimento ! - não é mais do que um velho tema sempre renovado; um meio para a sua arte - nunca um fim !

" F I N A L E "

Assim passou pela vida aquele gênio potente, enorme e incompreendido como todos os gênios. Alma cheia de singularidades e arrebatamentos, buscando na arte a Beleza sinão a própria Perfeição, deixou-nos composições de transcedentes espiritualidade, de tocante ternura.

Dele, Liszt nos dá um retrato psicológico com o qual queremos encerrar estas breves digressões, mais de caracter sentimental de quem muito ama o Artista, do que analitico: "Chopin parecia um ser singular, reservado e ensimesmado. Ele não pede nada e desdenha tudo. Se pede alguma cousa é talvês por excesso de uma exigência secreta que prefere a abstenção às meias medidas, pelo sentimento de seu valor. Mas não se sabe ao certo o que ele pensa, porque jamais fala de amor, nem de amizade.E' generoso para todos, menos para ele próprio. Presta pouca atenção à conversação dos outros. A normalidade de seu humor no mundo, vem talvês da indiferença. Não fala a ninguem sobre as cousas do coração: sinceramente católico, poder-se-ia conviver com ele muito tempo sem se saber suas ideias religiosas; falava pouco sobre a Polônia, e escapava-se polidamente às demonstrações de amizade.

Sem dúvida, tinha por vezes singularidades abruptas , defeitos perdoaveis num artista sensivel e doente; era facil de ser melindrado, mas não guardava rancor. Se sua alma era veemente, essa violência não aparecia à tona, porque a reprimia pelo esforço da sua vontade, já que a fraqueza física o impedia de

demonstra-la. Ele "sofria o martírio feminino das torturas jamais confessadas". A música foi sua única confidente; derramava nas suas obras todas as emoções, as tristezas, as preces recalcadas; mas mesmo na arte era reservado.

Tudo que se assemelhava ao melodrama era para ele um suplício. Não queria que se dissesse tudo; uma arte que não se deixa advinhar lhe parecia impudica; amava o entrevisto e o pressentido; havia qualquer cousa de celeste no seu gênio!

oooOOOooo

Assim, Chopin viverá enquanto a palavra M Ú S I C A tiver um sentido na terra !

B I B L I O G R A F I A

Anônimo - CHOPIN - In "Vamos Ler!" - 12/2/1942

Clive Bell - CIVILIZATION - 1927

Eça de Queiroz - PROSAS BARBARAS

ENCICLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL - Ed.Jackson

Franz Liszt - CHOPIN

Gazeta (A) - CHOPIN (I e II) - Outubro de 1949

George Sand - HISTÓRIA DE MINHA VIDA

George Sand - HISTOIRE DE MA VIE

George Sand - LUCREZIA FLORIAN - In "Courrier Français"

Hélio Bastos Couto - CHOPIN - In "Vida Doméstica" - Janº 1947

Hendrik Wilhelm Van Loon - AS ARTES

Luiz Souza Gomes - CIVILISAÇÃO - In "Pan" n.173 de 13 - 5- 1939

P. Larousse - GRAND DICTIONNAIRE INTERNATIONAL

H. Thomas e Dana Lee - VIDAS DOS GRANDES COMPOSITORES

ACABOU DE SE
DATILOGRAFAR ESTA
MONOGRAFIA
NO
ANO DE 1949
EM
RIBEIRÃO PRETO
ESTADO DE S. PAULO
B R A S I L

INSTITUT FRANÇAIS
BIBLIOTECA

BIBLIOTEKA TIFC
B/1
VILMAR/1
754

NARODOWY INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA BIBLIOTEKA
754
sygn. 754
akc. 153.

LÚCIO VILMAR

C H O P I N

GÊNIO DA MÚSICA

Monografia apresentada ao "Concurso Literário Chopin", comemorativo do Centenário da morte de Chopin, organisado pela Sociedade Musical de Ribeirão Preto.

Zbiory Słowackiego
754

1949

RIBEIRÃO PRETO